

IGINO GIORDANI (1894 - 1980)

Cofundador do Movimento dos Focolares

Nasce em Tívoli (Itália) em 1894 de uma família de humildes origens; é o primeiro de seis filhos. Na conclusão dos estudos, explode a Primeira Guerra Mundial e Giordani a transcorre na trincheira. Não dispara nem mesmo um tiro contra o inimigo, porque o cristianismo proíbe matar e por esta sua escolha corajosa fica gravemente ferido. Entre os hospitais militares, se forma em Letras e Filosofia. Casa-se em 1920, com a esposa Mya com a qual terão 4 filhos.

A coragem da coerência política – Giordani pode ser tomado como testemunha de uma cultura política que valoriza a coerência, o diálogo, a edificação da paz. Giordani era um homem profundamente livre, inclusive dos condicionamentos do poder: a sua vida nos interpela ainda hoje.

Entre os primeiros a aderir ao Partido Popular Italiano – A sua biografia política começa a partir de 1919, quando o encontramos entre os primeiros a responder ao “apelo aos livres fortes” lançado por padre Luigi Sturzo, fundador do recém-nascido Partido popular. Põe-se em evidência ao grande público através de *Revolta católica* [*Rivolta cattolica*] (1925), um livro de acesa oposição ao irrefreável sistema de poder fascista, duro com aquelas alas católicas que cediam às adulações do regime. Já neste texto, afirma a exigência de basear a convivência humana na fraternidade universal. Através de alguns de seus livros apologéticos desafia as ideologias do seu tempo e afirma o espírito de serviço e de caridade que deve animar a política e o poder.

Santidade e política – Candidata-se às eleições de 1924 e de 1946. Em 1946 entrando nos palácios da política, como membro da Assembleia Constituinte e Parlamentar da Câmara dos Deputados pela Democracia cristã, se faz esta pergunta: “pode um político ser santo?”. Promovido a diretor de “Il Popolo”, jornal de partido, no seu diário anota: “difundir a santidade a partir de uma pobre folha de jornal; difundir santidade a partir de um corredor de passos perdidos*... quem fará este milagre?”.

Bem cedo na nova experiência política encontra não poucas dificuldades. Para não violar a retidão profissional submetendo o jornal aos jogos das correntes de partido, escolhe se demitir da direção; e reza: “esta humilhação sirva para me recolocar, alma nua, diante de Ti, Senhor”. Deve registrar “incompreensões, calúnias, zombarias, abandonos”, que lhe conseguem “desilusões e amarguras”; compreende que são ‘provações’ para se santificar.

Inoxidável pacifista – O seu compromisso com a paz é profético e convicto: é pacifista durante os anos dramáticos do primeiro conflito mundial, quando a sociedade civil estava dividida entre neutralistas e intervencionistas. É pacifista quando preconizava os Estados Unidos da Europa, desde

* O «corredor dos passos perdidos» é um salão de Montecitório onde os deputados passeiam.

os primeiros anos 1920. E ainda, anseia pela paz e pela fraternidade universal quando – num célebre discurso parlamentar de 1949 – adere ao Pacto Atlântico, entendendo-o não só como um instrumento de defesa, mas um princípio para uma pacificação entre os povos europeus, compreendida a Rússia. A sua ideia de paz brota diretamente da lei da caridade, da exigência de solidariedade, junto com as instâncias racionais, sociais e econômicas. “A guerra é um homicídio” (mata o homem, contra o Quinto Mandamento) “é um deicídio em efígie” (suprime no homem a criatura e a imagem de Deus), e é um suicídio, porque a humanidade é, especialmente hoje, um organismo único, que se autodestrói ferindo-se nos conflitos.

É um homem que pratica a paz, além de pregá-la. Dele se recorda como nos primeiros anos 1950 dialogue, pelas páginas dos jornais que dirige, com expoentes do mundo comunista, como o diretor de “L’Unità” de Milão, Davide Lajolo, em anos em que os comunistas são excomungados pela Igreja. Iniciativa que desperta um certo alvoroço e algumas incompreensões.

Recorda-se também como no final da segunda guerra mundial, em 1945, se prodigue para salvar alguns hierarcas fascistas do linchamento e das execuções sumárias que se sucedem nos dias seguintes à libertação, ele que sofreu sob o fascismo as privações e os sofrimentos da perseguição ideológica e cultural.

Sua é a primeira lei pela objeção de consciência (1949), apresentada junto com o socialista Calosso. Ainda é ele um dos primeiros inspiradores do Entendimento parlamentar pela paz, com Parlamentares provenientes de diferentes partidos (1951).

A sua ideia de democracia parte do conteúdo ético da relação entre os homens, portanto o reconhecimento da dignidade de cada um e do valor de cada um na determinação do bem comum. Em tal sentido, o seu espírito democrático tem raízes na inspiração cristã. Em alguns célebres livros, como *Desumanismo [Disumanesimo]* (1941), *Pioneiros cristãos da democracia [Pionieri cristiani della democrazia]* (1950) e *As duas cidades [Le due città]* (1961), põe em relevo como a política fosse a organização mais elevada do amor cristão. Não só. Bem consciente de que a política é um campo, mais do que os outros, exposta “à corrupção, à mentira, à ambição” – escreve até mesmo que “o poder sataniza” (1962). Lança esta mensagem, hoje mais do que nunca atual: se todos temos necessidade de santidade, “os estadistas, os legisladores, os administradores da coisa pública precisam de uma razão dupla dela” (1962).

O encontro com Chiara Lubich – 1948 é o ano decisivo para a sua vida: tem 54 anos, é um homem reconhecido no campo político e cultural e encontra Chiara Lubich, na época com vinte e oito anos, na qual reconhece um carisma extraordinário. Adere plenamente ao Movimento dos Focolares e ao lado de Chiara desempenha um papel importante para o Movimento e o aprofundamento espiritual da doutrina, a ponto de ser várias vezes designado por Chiara como cofundador.

Após a saída do Parlamento, que aconteceu em 1953, Giordani deixa a política do Palácio para se dedicar à edificação de uma cultura social e política nova, medida sobre uma dimensão maior: a família humana. O encontro com Chiara determinou na sua vida uma reviravolta. Dirá mais tarde: “Todos os meus estudos, os meus ideais, as próprias vicissitudes da minha vida a mim se apresentaram dirigidos a esta meta... Poderia dizer que antes tinha procurado; agora encontrei”.

É fascinado pelo radicalismo evangélico da “espiritualidade de comunhão” anunciada e vivida por Chiara. A nova reviravolta na vida de Giordani produz uma mudança tão profunda que – escreve – “causou um choque nos amigos”. A sua veia polêmica se transforma e Giordani adquire uma nova e marcada sensibilidade ao diálogo profundo. O seu empenho, de individual se faz comunitário e será recolhido, com o passar do tempo, por uma multidão de políticos: do pequeno grupo de Parlamentares que se formou nos anos 1950 a quantos em todo o mundo formam o Movimento político pela unidade, fundado por Chiara Lubich em 1996.

Giordani morre no dia 18 de abril de 1980 e agora está em andamento a causa de beatificação.